Português

Gramática - Linguagem, Texto e Discurso - Funções da Linguagem - [Médio]

01 - (ITA SP)

Assinale a opção que apresenta a função da linguagem predominante nos fragmentos abaixo:

(I)

Mana Rosa quase que aceitava, de uma vez,

para resolver a situação, tal o embaraço em que

se achavam. Estiveram um momento calados.

– Gosta de versos?

– Gosto...

– Ah!

Pousou os olhos numa oleografia.

– É brinde de farmácia?

– É.

– Bonita...

– Acha?

– Acho... Boa reprodução...

(Orígenes Lessa, O feijão e o sonho)

(II)

Sentavam-se no que é de graça: banco de praça pública.

E ali acomodados, nada os distinguia do resto do nada. Para

a grande glória de Deus.

Ele: - Pois é.

Ela: - Pois é o quê?

Ele: - Eu só disse “pois é”!

Ela: - Mas “pois é” o quê?

Ele: - melhor mudar de conversa porque você não me entende.

Ela: - Entender o quê?

Ele: - Santa Virgem, Macabéa, vamos mudar de assunto já.

(Clarice Lispector, A hora da estrela)

a) Poética.

b) Fática.

c) Referencial.

d) Emotiva.

e) Conativa.

02 - (UNIFICADO RJ)

Texto

Dolores era um desses tipos que o Brasil importa a mãi e o pai pra bancar que também dá moça linda. Direitinho certas indústrias de São Paulo... Da terra e da nossa raça não tinha nada, porém se pode afirmar que tinha o demais porque não havia ninguém mais brasileiro que ela. Falassem mal do Brasil perto dela pra ver o que sucedia! Desbaratava logo com o amaldiçoado que vem comer o pão da gente, agora! Praquê não ficou lá na sua terra morrendo de fome! Vá saindo...! Ah! Perto de mim você não fala do Brasil não porque eu dou pra trás, sabe! Eu sei bem que a Itália é mais bonita, mais bonita o quê... Uma porcariada de casas velhas, isso sim, e gente ruim, só calabrês é que se vê!... Aqui tem cada amor de bangalôzinho... e a estação da Luz, então! Você nunca, aposto, que já

entrou no Teatro Municipal! Si entrou, foi pro galinheiro, não viu o fuaier Itália... A nossa catedral... Aquilo é gótico, sabe! Não está acabada mas falaram pra mim que vai ter as torres mais compridas do mundo!

E Dolores ficava muito bonita na irritação, com cada olho enorme lá no fundo relumeando que nem esmeralda. Era uma belezinha.

(ANDRADE, Mário de. "menina de olho fundo", in Os Contos de Belezarte.)

Sobre o trecho de Mário de Andrade, só NÃO podemos dizer que:

a) O narrador onisciente, através de um processo comprativo, faz crítica irônica ao sistema econômico então vigente.

b) O dinamismo na narração é fundamentado em um entrelaçamento entre as falas do narrador e do personagem.

c) A presença de tipos de estrutura metomínica e hiperbólica é percebida como um recurso estilístico utilizado pelo autor.

d) A caracterização de Dolores na narrativa é feita em um tom de afetividade.

e) As funções referencial e conativa predominam no texto como forma de enfocar o contexto e provocar o leitor.

03 - (PUC SP)

Observe a seguinte afirmação feita pelo autor: "*Em nossa civilização apressada, o "bom dia", o "boa tarde" já não funcionam para engatar conversa. Qualquer assunto servindo, fala-se do tempo ou de futebol.*" Ela faz referência à função da linguagem cuja meta é "*quebrar o gelo*".

Indique a alternativa que explicita essa função.

a) Função emotiva

b) Função referencial

c) Função fática

d) Função conativa

e) Função poética

04 - (UEPB)

"A professora do Bocão está corrigindo o dever de casa.

Aí, balança a cabeça, olha para o Bocão e diz:

– Não sei como uma pessoa só, consegue cometer tantos erros.

E o Bocão explica:

– Não foi uma pessoa só, professora. Papai me ajudou."

(ZIRALDO, Alves Pinto. Rolando de rir. O livro das gargalhadas do Menino Maluquinho. São Paulo: Melhoramentos, 2001. p. 20)

Em relação ao texto acima, pode-se concluir que

I. há predominância da função metalingüística.

II. as falas dos interlocutores se sucedem sem a presença do narrador.

III. a comicidade do texto se dá em razão da interpretação literal de "Bocão".

Analise as proposições e marque a alternativa conveniente.

a) Apenas II e III estão corretas.

b) Apenas I e II estão corretas.

c) Apenas I e III estão corretas.

d) Apenas III está correta.

e) I, II e III estão corretas.

05 - (UFOP MG)

A metalinguagem está presente nestes versos de *A Educação pela Pedra*, de João Cabral de Melo Neto, **exceto** em:

a) Certo poema imaginou que a daria a ver
(sua pessoa, fora da dança) com o fogo.
Porém o fogo, prisioneiro da fogueira,
tem de esgotar o incêndio, o fogo todo;
e o dela, ela o apaga (se e quando quer)
ou o mete vivo no corpo: então, ao dobro.

(MELO NETO, J. C. de. Dois P.S. a um poema. In: *A educação pela pedra*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2008, p. 218)

b) Catar feijão se limita com escrever:
jogam-se os grãos na água do alguidar
e as palavras na da folha de papel;
e depois joga-se fora o que boiar.
Certo, toda palavra boiará no papel,
água congelada, por chumbo seu verbo:
pois, para catar esse feijão, soprar nele,
e jogar fora o leve e oco, palha e eco.

(MELO NETO, J. C. de. Catar feijão. In: *A educação pela pedra*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2008, p. 222)

c) Durante as secas do Sertão, o urubu,
de urubu livre, passa a funcionário.

O urubu não retira, pois prevendo cedo
que lhe mobilizarão a técnica e o tacto,
cala os serviços prestados e diplomas,
que o enquadrariam num melhor salário,
e vai acolitar os empreiteiros da seca,
veterano, mas ainda com zelos de novato:
aviando com eutanásia o morto incerto,
ele, que no civil quer o morto claro.

(MELO NETO, J. C. de. O urubu mobilizado. In: *A educação pela pedra*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2008, p. 209)

d) Quando um rio corta, corta-se de vez
o discurso-rio de água que ele fazia;
cortado, a água se quebra em pedaços,
em poços de água, em água paralítica.
Em situação de poço, a água equivale
a uma palavra em situação dicionária:
isolada, estanque no poço dela mesma;
e porque assim estanque, estancada;
e mais: porque assim estancada, muda,
e muda porque com nenhuma comunica,
porque cortou-se a sintaxe desse rio,
o fio de água por que ele discorria.

(MELO NETO, J. C. de. Rios sem discurso. In: *A educação pela pedra*. Rio de

Janeiro: Alfaguara, 2008, p. 229-230)

06 - (UEMG)

A utilização da *função metalingüística* da linguagem é um recurso comum às obras *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna e *Meus poemas preferidos*, de Manuel Bandeira, sabendo-se que tal recurso ocorre dentro dos respectivos gêneros literários. Marque, a seguir, a alternativa cujo fragmento textual **NÃO** comprova a afirmação acima:

a) "O comentário musical da paisagem só podia ser o sussurro sinfônico da vida civil.

No entanto o que ouço neste momento é um silvo agudo sagüim : (...)

b) " PALHAÇO

É preciso mudar o cenário, para a cena do julgamento de vocês. Tragam o trono de Nosso Senhor! Agora a igreja vai servir de entrada para o céu e para o purgatório.(...)"

c) "Estou farto do lirismo que pára e vai averiguar no dicionário

[o cunho vernáculo de um vocábulo

Abaixo os puristas

Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais (...)"

d) "Vede como primo

Em comer hiatos!

Que arte! E nunca rimo

Os termos cognatos."

07 - (ENEM)

Sentimental

1 Ponho-me a escrever teu nome

Com letras de macarrão.

No prato, a sopa esfria, cheia de escamas

e debruçados na mesa todos contemplam

esse romântico trabalho.

Desgraçadamente falta uma letra,

uma letra somente

para acabar teu nome!

— Está sonhando? Olhe que a sopa esfria!

Eu estava sonhando...

E há em todas as consciências este cartaz amarelo:

"Neste país é proibido sonhar."

ANDRADE, C. D. **Seleta em Prosa e Verso**. Rio de Janeiro: Record, 1995.

Com base na leitura do poema, a respeito do uso e da predominância das funções da linguagem no texto de Drummond, pode-se afirmar que

a) por meio dos versos "Ponho-me a escrever teu nome" (v. 1) e "esse romântico trabalho" (v. 5), o poeta faz referências ao seu próprio ofício: o gesto de escrever poemas líricos.

b) a linguagem essencialmente poética que constitui os versos "No prato, a sopa esfria, cheia de escamas e debruçados na mesa todos contemplam" (v. 3 e 4) confere ao poema uma atmosfera irreal e impede o leitor de reconhecer no texto dados constitutivos de uma cena realista.

c) na primeira estrofe, o poeta constrói uma linguagem centrada na amada, receptora da mensagem, mas, na segunda, ele deixa de se dirigir a ela e passa a exprimir o que sente.

d) em "Eu estava sonhando..." (v. 10), o poeta demonstra que está mais preocupado em responder à pergunta feita anteriormente e, assim, dar continuidade ao diálogo com seus interlocutores do que em expressar algo sobre si mesmo.

e) no verso “Neste país é proibido sonhar.” (v. 12), o poeta abandona a linguagem poética para fazer uso da função referencial, informando sobre o conteúdo do “cartaz amarelo” (v. 11) presente no local.

08 - (Unicastelo SP)

Metalinguagem. S. f. 1. A linguagem utilizada para descrever outra linguagem ou qualquer sistema de significação: todo discurso acerca de uma língua, como as definições dos dicionários, as regras gramaticais, etc.

(Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. *Novo Aurélio*, 1999. Adaptado.)

Considerando os fragmentos retirados do conto *Famigerado*, de João Guimarães Rosa, assinale a alternativa na qual a definição de metalinguagem pode ser aplicada.

a) *Via-se que passara a descansar na sela – decerto relaxava o corpo para dar-se mais à ingente tarefa de pensar.*

b) *Vosmecê agora me faça a boa obra de querer me ensinar o que é mesmo que é: fasmisgerado... faz-me-gerado... falmisgeraldo... familhas-gerado...?*

c) *“Não há como que as grandezas machas de uma pessoa instruída!” Seja que de novo, por um mero, se torvava?*

d) *Aquele homem, para proceder da forma, só podia ser um brabo sertanejo, jagunço até na escuma do bofe.*

e) *Sei o que é influência de fisionomia. Saíra e viera, aquele homem, para morrer em guerra. Saudou-me seco, curto pesadamente.*

09 - (ENEM)

É água que não acaba mais

Dados preliminares divulgados por pesquisadores da Universidade Federal do Pará (UFPA) apontaram o Aquífero Alter do Chão como o maior depósito de água potável do planeta. Com volume estimado em 86 000 quilômetros cúbicos de água doce, a reserva subterrânea está

localizada sob os estados do Amazonas, Pará e Amapá. "Essa quantidade de água seria suficiente para abastecer a população mundial durante 500 anos", diz Milton Matta, geólogo da UFPA. Em termos comparativos, Alter do Chão tem quase o dobro do volume de água do Aquífero Guarani (com 45 000 quilômetros cúbicos). Até então, Guarani era a maior reserva subterrânea do mundo, distribuída por Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai.

Época. Nº 623, 26 abr. 2010.

Essa notícia, publicada em uma revista de grande circulação, apresenta resultados de uma pesquisa científica realizada por uma universidade brasileira. Nessa situação específica de comunicação, a função referencial da linguagem predomina, porque o autor do texto prioriza

a) as suas opiniões, baseadas em fatos.

b) os aspectos objetivos e precisos.

c) os elementos de persuasão do leitor.

d) os elementos estéticos na construção do texto.

e) os aspectos subjetivos da mencionada pesquisa.

10 - (ENEM)

Desabafo

Desculpem-me, mas não dá pra fazer uma cronicazinha divertida hoje. Simplesmente não dá. Não tem como disfarçar: esta é uma típica manhã de segunda-feira. A começar pela luz acesa da sala que esqueci ontem à noite. Seis recados para serem respondidos na secretária eletrônica. Recados chatos. Contas para pagar que venceram ontem. Estou nervoso. Estou zangado.

CARNEIRO, J. E. **Veja,** 11 set. 2002 (fragmento).

Nos textos em geral, é comum a manifestação simultânea de várias funções da linguagem, com o predomínio, entretanto, de uma sobre outras. No fragmento da crônica *Desabafo*, a função da linguagem predominante é a emotiva ou expressiva, pois

a) o discurso do enunciador tem como foco o próprio código.

b) a atitude do enunciador se sobrepõe àquilo que está sendo dito.

c) o interlocutor é o foco do enunciador na construção da mensagem.

d) o referente é o elemento que se sobressai em detrimento dos demais.

e) o enunciador tem como objetivo principal a manutenção da comunicação.

11 - (ENEM)

Lusofonia

rapariga: s.f., fem. de rapaz: mulher nova; moça; menina; (Brasil), meretriz.

Escrevo um poema sobre a rapariga que está sentada
no café, em frente da chávena de café, enquanto
alisa os cabelos com a mão. Mas não posso escrever este
poema sobre essa rapariga porque, no brasil, a palavra
rapariga não quer dizer o que ela diz em portugal. Então,
terei de escrever a mulher nova do café, a jovem do café,
a menina do café, para que a reputação da pobre rapariga
que alisa os cabelos com a mão, num café de lisboa, não
fique estragada para sempre quando este poema atravessar o
atlântico para desembarcar no rio de janeiro. E isto tudo
sem pensar em áfrica, porque aí lá terei
de escrever sobre a moça do café, para

evitar o tom demasiado continental da rapariga, que é

uma palavra que já me está a pôr com dores

de cabeça até porque, no fundo, a única coisa que eu

[queria

era escrever um poema sobre a rapariga do

café. A solução, então, é mudar de café, e limitar-me a

escrever um poema sobre aquele café onde nenhuma

rapariga se

pode sentar à mesa porque só servem café ao balcão.

JÚDICE, N. **Matéria do Poema**. Lisboa: D. Quixote, 2008.

O texto traz em relevo as funções metalinguística e poética. Seu caráter metalinguístico justifica-se pela

a) discussão da dificuldade de se fazer arte inovadora no mundo contemporâneo.

b) defesa do movimento artístico da pós-modernidade, típico do século XX.

c) abordagem de temas do cotidiano, em que a arte se volta para assuntos rotineiros.

d) tematização do fazer artístico, pela discussão do ato de construção da própria obra.

e) valorização do efeito de estranhamento causado no público, o que faz a obra ser reconhecida.

12 - (ENEM)

O exercício da crônica

Escrever prosa é uma arte ingrata. Eu digo prosa fiada, como faz um cronista; não a prosa de um ficcionista, na qual este é levado meio a tapas pelas personagens e situações que, azar dele, criou

porque quis. Com um prosador do cotidiano, a coisa fia mais fino. Senta-se ele diante de sua máquina, olha através da janela e busca fundo em sua imaginação um fato qualquer, de preferência colhido no noticiário matutino, ou da véspera, em que, com as suas artimanhas peculiares, possa injetar um sangue novo. Se nada houver, resta-lhe o recurso de olhar em torno e esperar que, através de um processo associativo, surja-lhe de repente a crônica, provinda dos fatos e feitos de sua vida emocionalmente despertados pela concentração. Ou então, em última instância, recorrer ao assunto da falta de assunto, já bastante gasto, mas do qual, no ato de escrever, pode surgir o inesperado.

MORAES, V. **Para viver um grande amor**: crônicas e poemas.
São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

Predomina nesse texto a função da linguagem que se constitui

a) nas diferenças entre o cronista e o ficcionista.

b) nos elementos que servem de inspiração ao cronista.

c) nos assuntos que podem ser tratados em uma crônica.

d) no papel da vida do cronista no processo de escrita da crônica.

e) nas dificuldades de se escrever uma crônica por meio de uma crônica.

TEXTO: 1 - Comum à questão: 13

CIDADE DE DEUS

Barracos de caixas de tomate, madeiras de lei, carnaúba, pinho-de-riga, caibros cobertos, em geral, por telhas de zinco ou folhas de compensados. Fogueiras servindo de fogão para fazer o mocotó, a feijoada, o cozido, o vatapá, mas, na maioria das vezes, para fazer aquele arroz de terceira grudado, angu duro ou muito ralo, aqueles carurus catados no mato, mal lavados, ou simplesmente nada. Apenas olhares carcomidos pela fome, em frente aos barracos, num desespero absoluto e que por ser absoluto é calado. Sem fogueira para esquentar ou iluminar como o sol, que se estendia por caminhos muitas vezes sem sentido algum para os que não soltavam pipas, não brincavam de pique-pega e não se escondiam num pique-esconde.

Os abismos têm várias faces e encantam, atraem para o seu seio como as histórias em quadrinhos que chegavam ao morro compradas nas feiras da Maia Lacerda e do Rio Comprido, baratas como a tripa de porco que sobrava na casa do compadre maneiro que nem sempre era compadre de batismo. Era apenas o adjetivo, usado como substantivo, sinônimo de uma boa amizade, de um relacionamento que era tecido por favores, empréstimos impagáveis e consideração até na hora da morte.

São as pessoas nesse desespero absoluto que a polícia procura, espanca com seus cassetetes possíveis e sua razão impossível, fazendo com que elas, com seus olhares carcomidos pela fome, achem plausíveis os feitos e os passos de Pequeno e de sua quadrilha pelos becos que, por terem só uma entrada, se tornam becos sem saídas, e achem, também, corriqueira essa visão de meia cara na quina do último barraco de cada beco de crianças negras ou filhas de nordestinos, de peito sem proteção, pé no chão, shorts rasgados e olhar já cabreiro até para o próprio amigo, que, por sua vez, se tornava inimigo na disputa de um pedaço de sebo de boi achado no lixo e que aumentaria o volume da sopa, de um sanduíche quase perfeito nas imediações de uma lanchonete, de uma pipa voada, ou de um ganso dado numa partida de bola de gude.

Lá ia Pequeno, senhor de seu desejo, tratando bem a quem o tratava bem, tratando mal a quem o tratava mal e tratar mal era dar tiros de oitão na cabeça para estuporar os miolos.

Os exterminadores pararam na tendinha do Zé Gordo para tomar uma Antarctica bem gelada, porque esta era a cerveja de malandro beber. Pequeno aproveitou para perguntar pelos amigos que fizera no morro, pelas tias que faziam um mocotó saboroso nos sábados à tarde, pelos compositores da escola.

- Qualé, Zé Gordo, se eu te der um dinheiro, tua mulher faz um mocotó aí pra gente?

- Então, meu cumpádi!

Pequeno deu a quantia determinada pela esposa de Zé Gordo, em seguida retornaram à patrulha que faziam.

(LINS, Paulo. Cidade de Deus. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.)

13 - (UERJ)

No segundo parágrafo do texto Cidade de Deus, há um comentário sobre os sentidos e as possíveis classificações gramaticais da palavra compadre.

Nesse trecho, o narrador recorreu à função da linguagem denominada:

a) poética

b) conativa

c) referencial

d) metalingüística

TEXTO: 2 - Comum à questão: 14

DEIXEM JESON EM PAZ

André Petry

Sou a favor da legislação da eutanásia. É uma louvável alternativa que o homem encontrou para morrer com dignidade, para evitar o suplício das dores vãs. Mesmo assim, mesmo defendendo que a eutanásia seja um direito disciplinado na lei brasileira, eu precisaria ser louco para apontar o dedo, atirar uma pedra ou escrever uma linha que fosse contra a atitude de Rosemara dos Santos Souza, a mãe de Jhéck Breener de Oliveira, que luta para impedir que seu filho seja submetido à eutanásia. O pequeno Jhéck, 4 anos, está num leito de UTI, vítima de uma doença degenerativa irreversível. Já perdeu a fala, a visão, o movimento dos braços e pernas, alimenta–se por meio de sonda e respira com ajuda de aparelhos. A luta de Rosemara merece respeito e, onde quer que ela apareça, assim tem sido. A luta de Jeson de Oliveira, o pai de Jhéck, também deveria ser respeitada. Mas é nesse ponto que a história se complica.

Jeson queria pedir à Justiça que seu filho fosse submetido à eutanásia. Ele não suporta ver o seu filho preso a uma cama, inerte, morto para a vida, sem andar de bicicleta, tomar um sorvete, apontar pra Lua, desenhar um elefante, bater palmas, sorrir. E o que se fez com esse pobre homem? Não lhe deram uma lasca de respeito. Jeson foi hostilizado, xingado, difamado. Foi acusado de assassino, de querer matar o próprio filho! Jeson pensou até em se mudar de Franca, a cidade paulista onde mora e onde seu filho está internado, porque já não podia caminhar na rua em paz. Ceifaram–lhe o direito de ir à Justiça. Questionaram–lhe até a sanidade mental, sugerindo que procurasse tratamento psiquiátrico – forma maliciosa de sugerir que a eutanásia é coisa de gente mentalmente perturbada. Jeson, afinal, desistiu de tentar a eutanásia do filho.

“Desisto oficial e definitivamente. Quero dar chances à mãe e estou entregando meu filho a Deus”, disse ele, numa entrevista, na véspera do feriado de 7 de setembro. O pai de Jhéck, claro, tem todo o direito de mudar de idéia (e, pessoalmente, saúdo que tenha conseguido dominar seu sofrimento para ceder à vontade da mãe de Jhéck).

O dado repugnante é a intolerância da qual foi vítima. Jeson virou a Geni da Franca, só faltou ser apedrejado nas ruas. Os adversários da eutanásia – religiosos dogmáticos, em geral – não lhe deram o direito sequer de pensar em voz alta. É coisa própria das mentalidades entrevadas, dos que se sentem ungidos por forças superiores, dos que cevam suas idéias como se fossem bens supremos, perfeitos, inatacáveis.

Aos religiosos dogmáticos e intolerantes em geral, aos que sacralizam suas idéias e acham que sabem tudo na vida e do sofrimento, aqui vai um apelo: deixem o Jeson em paz! Ele já sofre o bastante com um filho que perdeu a liberdade de viver para tornar–se um prisioneiro da vida. A eutanásia, caros intolerantes, pode ser, sim, um ato de amor.

Revista Veja, 14–09–05

14 - (UNIMONTES MG)

É um exemplo da função metalingüística no texto:

a) ”Desisto oficial e definitivamente.”

b) ”...saúdo que tenha conseguido dominar seu sofrimento...”

c) ”Jeson queria pedir à justiça que seu filho fosse submetido à eutanásia.”

d) ”É uma louvável alternativa que o homem encontrou para morrer com dignidade...”

TEXTO: 3 - Comum à questão: 15

DESAFIO GLOBAL

O Globo, 24-11-2008

No momento em que os brasileiros acabam de eleger seus prefeitos e prefeitas, o Brasil sediará o mais importante evento do mundo sobre o combate à exploração sexual de crianças e adolescentes. A coincidência de agendas não foi intencional, mas existe uma forte conexão entre as eleições e o tema que será discutido por autoridades e especialistas de 150 países durante o III Congresso Mundial de Enfrentamento da Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes, que acontece entre os dias 25 e 28 de novembro no Rio de Janeiro.

Apesar dos avanços obtidos nessa área por governos, ONGs e sociedade civil, evidências confirmam que a exploração sexual de crianças se alastra e atravessa fronteiras geográficas. Mais de uma década após o I Congresso Mundial contra a Exploração Sexual de Crianças, realizado em Estocolmo, a situação é de crescente preocupação. O Congresso Mundial vai debater exatamente esses desafios globais, mas é importante lembrar que as ações devem ser colocadas em prática. Mas, afinal, o que a prefeita e o prefeito eleitos podem fazer?

Além de programas e ações de combate ao problema, é fundamental que o município adote um plano municipal de enfrentamento da exploração sexual de crianças e adolescentes, baseado no diálogo entre os principais atores do Sistema de Garantia dos Direitos: conselho dos direitos, conselho tutelar; secretarias municipais, delegacia de proteção à criança; juízes e promotores da infância. Nesse processo, as lideranças comunitárias, os adolescentes e suas famílias são atores fundamentais.

Ainda que essa etapa de articulação seja essencial, essa iniciativa deve ter orçamento próprio, dedicado a programas de atendimento às crianças, às redes de proteção à família e a um serviço de denúncia. Dessa forma, o poder público municipal terá condições de cumprir seu papel de prevenir novos casos de exploração, proteger a criança que sofreu violência e punir os agressores de forma mais ágil e eficiente.

Enfrentar a exploração sexual de crianças e adolescentes requer persistência. Estamos diante de um problema complexo. Mesmo que esse crime tenha como causa a pobreza e a miséria, é importante ressaltar que a maior incidência de casos é registrada entre meninas e mulheres afro-descendentes e indígenas, com baixa escolaridade e que vivem com suas famílias de baixa renda nas periferias das grandes metrópoles ou municípios de baixo desenvolvimento socioeconômico.

A partir de 1º de janeiro os novos prefeitos e prefeitas serão agentes fundamentais. No entanto, cada um de nós também tem um papel nesses esforços: propor e exigir soluções, além de denunciar os casos de violação. Podemos, juntos, colocar um fim a essa prática criminosa e cruel, que marca para sempre a mente de quem sofre a violação. Em seus novos mandatos, os representantes políticos nos municípios terão uma oportunidade de mudar de uma vez essa realidade.

(Marie-Pierre Poirier – representante da Unicef no Brasil)

15 - (ESCS DF)

Considerando o texto como um todo, a função de linguagem que nele predomina é:

a) referencial;

b) conativa;

c) fática;

d) metalingüística;

e) emotiva.

TEXTO: 4 - Comum à questão: 16

Conter a obesidade é um desafio tão urgente para o Brasil quanto acabar com a fome. Ninguém sabe ao certo quantos são os famintos brasileiros, mas o programa Fome Zero pretende atingir 44 milhões de pessoas. Por outro lado, o contingente com excesso de peso já ultrapassa a assustadora marca dos 70 milhões - cerca de 40% da população. Não há dúvida: o Brasil que come mal é maior do que o Brasil que tem fome. Apesar do tamanho do problema, falta ao país um esforço maciço de combate ao flagelo da gordura, que abre caminho para o surgimento de mais de 30 doenças e sobrecarrega o orçamento da saúde com internações hospitalares que poderiam ser evitadas. 'As autoridades não podem achar que há contradição entre atacar a fome e a obesidade ao mesmo tempo', comenta o endocrinologista Walmir Coutinho, 'mas os dois são problemas complementares.'

Mesmo entre os pobres, a ocorrência de excesso de peso supera a fome. 'Nas favelas, verifica-se que a obesidade é mais prevalente que a desnutrição', comenta Coutinho. Nos últimos 20 anos, a obesidade infanto-juvenil cresceu 66% nos Estados Unidos e desencadeou uma batalha jurídica contra as cadeias de fast-food semelhante à guerra contra o tabaco. No Brasil, o crescimento ocorreu com um ritmo especialmente acelerado nas camadas sociais mais baixas. A consciência do problema ainda é incipiente, embora a Organização Mundial de Saúde tenha declarado a obesidade uma epidemia global que ameaça principalmente os países em desenvolvimento. Dos 6 bilhões de habitantes do planeta, 1,7 bilhão está acima do peso. A exportação do modelo americano de progresso - urbanização, proliferação de carros, junk food e longas jornadas de trabalho em frente ao computador - leva países emergentes, como Brasil, Índia e África do Sul, a um paradoxo. Em duas gerações, grande parte da população passou da desnutrição à obesidade porque teve acesso a grande quantidade de comida barata e ruim, industrializada, cheia de gorduras e açúcar.

O resultado é desastroso: as pessoas ganham peso sem acumular nutrientes essenciais. A classe média e os ricos encontram meios eficazes de combater a obesidade, responsável por 30% das mortes no Brasil. Podem pagar por programas de emagrecimento e atividade física não acessíveis aos menos favorecidos. Por isso, cada vez mais a obesidade estará relacionada à pobreza. 'A fome é uma tragédia que precisa ser combatida, mas a obesidade atinge ainda mais gente no Brasil e

acarreta um ônus mais elevado', comenta o endocrinologista Alfredo Halpern, um dos fundadores da Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade.

A gravidade da situação exige um esforço articulado de saúde pública e medidas criativas.

(http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT590194-1653,00.html)

16 - (UPE)

A análise de aspectos globais do texto, tais como os sentidos expressos, as intenções, o tipo e o gênero em que ele se manifesta, nos leva a concluir que

I. o trecho que poderia expressar a ideia central defendida no texto é: "os ricos encontram meios eficazes de combater a obesidade, responsável por 30% das mortes no Brasil. Podem pagar por programas de emagrecimento e atividade física não acessíveis aos menos favorecidos."

II. se trata de um texto do tipo narrativo, do gênero notícia, cujo enredo envolve um cenário (a realidade brasileira) e personagens facilmente identificáveis (entre eles, por exemplo, o endocrinologista Walmir Coutinho).

III. predomina no texto uma linguagem com função referencial. Nesse sentido, justifica-se o uso de dados e informações objetivos, quantitativamente expressos, e respaldados por opiniões abalizadas de especialistas.

IV. aparecem no texto evidências de intertextualidade. Com efeito, algumas passagens do Texto A remetem, explicitamente, a outros textos pertinentes ao tema tratado. Além disso, o texto mobiliza o nosso conhecimento prévio acerca de muitos itens.

V. a linguagem usada no texto se reveste de um caráter de formalidade, na medida em que se ajusta às suas condições sociais de circulação: está publicado em um órgão de informação e destina-se a um público mais escolarizado.

A afirmativa é VERDADEIRA apenas nos itens:

a) I, II e III.

b) I, II e IV.

c) II, III e IV.

d) III, IV e V.

e) I, IV e V.

TEXTO: 5 - Comum à questão: 17

Capítulo XIII

[1] Os reposteiros, as tapeçarias, os divãs, tudo enfim quanto constituía a mobília do palácio demonstrava a magnificência inexcedível de um príncipe das lendas hindus.

Lá fora, nos jardins, reinava a mesma pompa, realçada pela mão da Natureza, perfumada por mil odores diversos, alcatifada de verdes alfombras, banhada pelo rio, [5] refrescada por inúmeras fontes de mármore branco, junto às quais um milheiro de escravos trabalhava sem cessar.

Fomos conduzidos ao divã das audiências por um dos auxiliares do vizir Ibraim Maluf.

Avistamos, ao chegar, o poderoso monarca sentado em riquíssimo trono de marfim [10]e veludo. Perturbou-me, de certo modo, a beleza estonteante do grande salão. Todas as suas paredes eram adornadas com inscrições admiráveis feitas pela arte caprichosa de um calígrafo genial. As legendas apareciam, em relevo, sobre fundo azul claro em letras pretas e vermelhas. Notei que eram versos dos mais brilhantes poetas de nossa terra! Jarras de flores por toda a parte, flores desfolhadas sobre coxins, sobre alcatifas, ou em [15] salvas de ouro e prata primorosamente cinzeladas.

Malba Tahan, em *O homem que calculava*, p. 69 e 70.

17 - (UDESC SC)

O livro *O homem que calculava,* de Malba Tahan, narra as aventuras e proezas matemáticas do fictício matemático persa, Beremiz Samir, personagem central de eventos que se desenrolam no século XIII. De forma romanceada, a narrativa retrata a paisagem do mundo islâmico medieval, trata das peripécias matemáticas do protagonista, que resolve e explica de modo extraordinário alguns problemas, quebra-cabeças e curiosidades da matemática. Relata, ainda, lendas e histórias pitorescas, como, por exemplo, a lenda da origem do jogo de xadrez, além de outras. Razão por que a obra está mesclada de metalinguagem e intertextualidade .

Em relação a isso, relacione as duas colunas.

1. Metalinguagem está presente nos textos centrados nos códigos de comunicação.
2. Intertextualidade é uma espécie de diálogo entre textos consagrados no universo cultural.

( ) “É preciso, ainda, não esquecer que a Matemática, além do objetivo de resolver problemas, calcular áreas e medir volumes, tem finalidades muito mais elevadas.” (p. 78)

( ) Falasse eu as línguas dos homens e dos anjos E não tivesse caridade,” (p. 55) “preceito de Salomão:

( ) ‘Quem de repente se enfurece é estulto: Quem é prudente dissimula o insulto’ ”. (p. 54)

( ) “A dúzia apresenta, sobre a dezena, uma grande vantagem: o número doze tem mais divisores do que o número dez.” (p. 115)

( ) “princípio atribuído a Pitágoras: ‘O quadrado construído sobre a hipotenusa é equivalente à soma dos quadrados construídos sobre os catetos.’ ” (p. 101)

( ) “A Geometria, repito, existe por toda a parte. No disco do sol, na folha da tamareira, no arco-íris, na boboleta, no diamante, na estrela do mar e até num pequenino grão de areia. Há, enfim, infinitas variedades de formas geométricas espalhadas pela Natureza.” (p. 39)

Assinale a alternativa que contém a sequência **correta,** de cima para baixo.

a) 2 – 1 – 1 – 1 – 2 – 1

b) 1 – 2 – 2 – 2 – 2 – 1

c) 1 – 2 – 2 – 1 – 2 – 1

d) 2 – 2 – 1 – 1 – 2 – 2

e) 2 – 1 – 2 – 1 – 2 – 2

TEXTO: 6 - Comum à questão: 18

Entrevista com Evanildo Bechara

Jornalista. É fato que o português está sendo invadido por expressões inglesas ou americanizadas – como *background, playground, delivery, fastfood, dowload...* Isso o preocupa?

Bechara. Não. É preciso diferenciar língua e cultura. O sistema da língua não sofre nada com a introdução de termos estrangeiros. Pelo contrário, quando esses termos entram no sistema têm de se submeter às regras de funcionamento da língua, no caso, o português. Um exemplo: nós recebemos a palavra *xerox.* Ao entrar na língua, ela acabou por se submeter a uma série de normas. Daí surgiram *xerocar, xerocopiar, xerografar,* enfim, nasceu uma constelação de palavras dentro do sistema da língua portuguesa.

Jornalista. Então esse processo não é ruim?

Bechara. É até enriquecedor, pois incorpora palavras. Não há língua que tenha seu léxico livre dos estrangeirismos. A língua que mais os recebe, curiosamente, é o inglês, por ser um idioma voltado para o mundo.

Hoje, fala-se "delivery", mas poderíamos dizer "entrega a domicílio". E há quem diga que o correto é "entrega em domicílio". Será? Na dúvida, há quem fique com o "delivery".

A palavra inglesa *delivery* não chegou a entrar nos sistemas da nossa língua, pois dela não resultam outras palavras. Apenas entrou no vocabulário do dia a dia no contexto dos alimentos. Agora deram de falar que "entrega em domicílio" é melhor do que "entrega a domicílio". Não sei de onde isso saiu, porque o verbo entregar normalmente se constrói com a preposição *a.* Fulano entregou a alma *a* Deus. De qualquer modo, a língua se enriquece quando você tem dois modos de dizer a mesma coisa.

Jornalista. E por que usar "delivery", se temos uma expressão própria em português? Não é mais um badulaque desnecessário?

Bechara. Não sei se é badulaque, o fato é que a língua, que não tem vida independente, também admite modismos, além de refletir todas as qualidades e os defeitos do povo que a fala. Estrangeirismos aparecem, somem e podem ser substituídos por termos nossos. Foi o que aconteceu com a terminologia clássica e introdutória do futebol no Brasil, quando se falava em *goalkeeper, off side* e *corner.* Com a passar do tempo, e sem nenhuma atitude controladora, os

termos estrangeiros do futebol foram dando lugar a expressões feitas no Brasil, como goleiro, impedimento, escanteio.

(Entrevista de Evanildo Bechara. Disponível em http.//www.jornaldaciencia.org.br/Detalhe.jsp?id=. Acesso em 30 de março de 2008. Adaptado).

18 - (UFAL)

Considerando alguns aspectos que, globalmente, caracterizam o Texto 1, analise as seguintes observações.

1. No texto predomina a função referencial, uma função centrada no contexto de produção e de circulação do texto.
2. Do ponto de vista da tipologia textual, podemos reconhecer no Texto 1 um exemplar dos textos narrativos.
3. Por se tratar de uma entrevista, o texto apresenta, entre outras, formulações próprias do diálogo oral.
4. O fato de não se tratar de um texto literário leva a que o entrevistado não use palavras em sentido figurado.
5. O professor entrevistado apresenta seus argumentos, mas se omite quanto à apresentação de exemplos que pudessem reforçá-los.

Estão corretas:

a) 1, 2, 3, 4 e 5

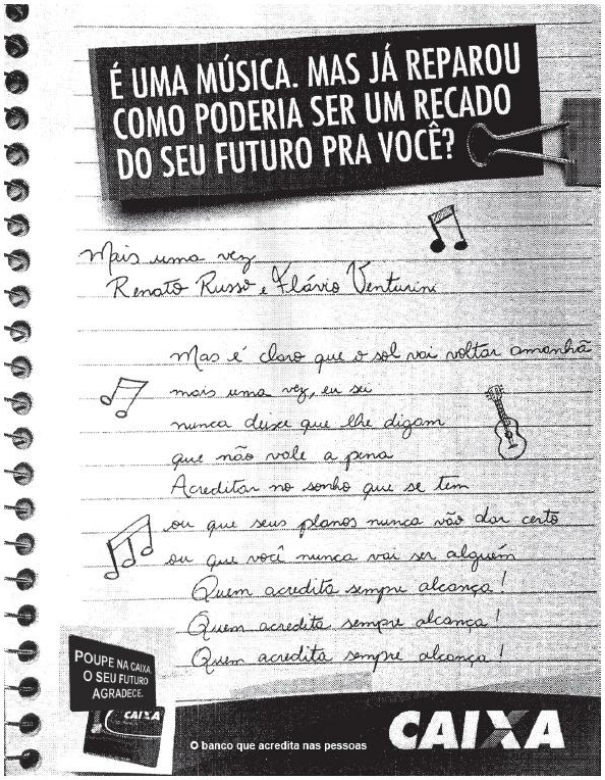
b) 1 e 2 apenas

c) 1 e 3 apenas

d) 1 e 5 apenas

e) 4 e 5 apenas

TEXTO: 7 - Comum à questão: 19


É UMA MÚSICA. MAS JÁ REPAROU COMO PODERIA SER UM RECADO DO SEU FUTURO PRA VOCÊ?
Mais uma vez
Renato Russo e Flávio Venturini
Mas é claro que o sol vai voltar amanhã
mais uma vez, eu sei
nunca deixe que lhe digam
que não vale a pena
Acreditar no sonho que se tem
ou que seus planos nunca vão dar certo
ou que você nunca vai ser alguém
Quem acredita sempre alcança!
Quem acredita sempre alcança!
Quem acredita sempre alcança!
POUPE NA CAIXA O SEU FUTURO AGRADECE.
CAIXA
O banco que acredita nas pessoas
CAIXA

É UMA MÚSICA... **Carta na Escola**. São Paulo: Confiança, ed. 51, p. 3, 31 nov. 2010. Encarte Publicitário.

19 - (UEFS BA)

Através da função poética presente na música “Mais uma vez”, o principal objetivo do anúncio publicitário é

a) garantir ao receptor a qualidade dos serviços prestados pela empresa evidenciada no anúncio.

b) persuadir o receptor a economizar através dos serviços da instituição em destaque.

c) fazer o receptor refletir sobre a importância do pensamento otimista.

d) convencer o leitor a continuar investindo na sua própria vida.

e) convidar o receptor a acreditar num futuro próspero.

TEXTO: 8 - Comum à questão: 20

Sobre a origem da poesia

[1]A origem da poesia se confunde com a origem da própria linguagem.

Talvez fizesse mais sentido perguntar quando a linguagem verbal deixou de ser poesia. Ou: qual a origem do discurso não poético, já que, restituindo laços mais íntimos entre os signos e as coisas por eles designadas, a poesia aponta para um uso muito primário da linguagem, que [5]parece anterior ao perfil de sua ocorrência nas conversas, nos jornais, nas aulas, conferências, discussões, discursos, ensaios ou telefonemas.

Como se ela restituísse, através de um uso específico da língua, a integridade entre nome e coisa – que o tempo e as culturas do homem civilizado trataram de separar no decorrer da história.

A manifestação do que chamamos de poesia hoje nos sugere mínimos *flashbacks* de uma possível [10]infância da linguagem, antes que a representação rompesse seu cordão umbilical, gerando essas duas metades – significante e significado.

Houve esse tempo? Quando não havia poesia porque a poesia estava em tudo o que se dizia? Quando o nome da coisa era algo que fazia parte dela, assim como sua cor, seu tamanho, seu peso? Quando os laços entre os sentidos ainda não se haviam desfeito, então música, poesia, [15]pensamento, dança, imagem, cheiro, sabor, consistência se conjugavam em experiências integrais, associadas a utilidades práticas, mágicas, curativas, religiosas, sexuais, guerreiras?

Pode ser que essas suposições tenham algo de utópico, projetado sobre um passado pré-babélico, tribal, primitivo. Ao mesmo tempo, cada novo poema do futuro que o presente alcança cria, com sua ocorrência, um pouco desse passado.

[20]Lembro-me de ter lido, certa vez, um comentário de Décio Pignatari, em que ele chamava a atenção para o fato de, tanto em chinês como em tupi, não existir o verbo ser, enquanto verbo de ligação. Assim, o ser das coisas ditas se manifestaria nelas próprias (substantivos), não numa partícula verbal externa a elas, o que faria delas línguas poéticas por natureza, mais propensas à composição analógica.

[25]Mais perto do senso comum, podemos atentar para como colocam os índios americanos falando, na maioria dos filmes de *cowboy* – eles dizem "maçã vermelha", "água boa", "cavalo veloz"; em vez de "a maçã é vermelha", "essa água é boa", "aquele cavalo é veloz". Essa forma mais sintética, telegráfica, aproxima os nomes da própria existência – como se a fala não estivesse se referindo àquelas coisas, e sim apresentando-as (ao mesmo tempo em que se apresenta).

[30]No seu estado de língua, no dicionário, as palavras intermedeiam nossa relação com as coisas, impedindo nosso contato direto com elas. A linguagem poética inverte essa relação, pois, vindo a se tornar, ela em si, coisa, oferece uma via de acesso sensível mais direto entre nós e o mundo. (...)

Já perdemos a inocência de uma linguagem plena assim. As palavras se desapegaram das coisas, assim como os olhos se desapegaram dos ouvidos, ou como a criação se desapegou da vida. Mas temos esses pequenos oásis – os poemas – contaminando o deserto da referencialidade.

ARNALDO ANTUNES

www.arnaldoantunes.com.br

20 - (UERJ)

No último parágrafo (ref. 30), o autor se refere à plenitude da linguagem poética, fazendo, em seguida, uma descrição que corresponde à linguagem não poética, ou seja, à linguagem referencial.

Pela descrição apresentada, a linguagem referencial teria, em sua origem, o seguinte traço fundamental:

a) o desgaste da intuição

b) a dissolução da memória

c) a fragmentação da experiência

d) o enfraquecimento da percepção

TEXTO: 9 - Comum à questão: 21

Palavras, palavras, palavras

Um amigo erudito, que ocasionalmente vem visitar meu enfisema, como não tem fundos para flores ou presentes, me traz o prazer de sua presença e um papo - monólogo ou preleção, a bem dizer - sobre seu assunto favorito: vida, paixão e morte das palavras.

Sabe que eu tenho o mesmo gosto por elas que ele, embora indigno de beijar seus pés incalustres (obsoleto, português do Brasil: livre de calos). Sempre que posso tomo nota depois de pedir a devida vênia (outro termo nosso em vias de extinção) e fico por uns dias pesquisando e, que me resta?, meditando.

Meu amigo, que ensina inglês para emigrantes lusos e brasileiros recém-chegados à Grã-Bretanha (pois é, nem todo mundo está indo embora), gosta de se dizer poliglota, embora mais de uma vez tenha me explicado, e eu sempre esquecendo, a contradição existente na confecção do termo formado por poli + glota. "Trata-se de um idiotismo lusitano seiscentista", já me explicou e, tamanha sua verve formal e presença avassaladora, que eu já me esqueci. Em matéria de idiotismos minha cota já se esgotou.

(...) Mas eu tenho minha forma de apoquentá-lo. Como o dileto (Dileto não é seu verdadeiro nome) se encontra fora do país natal, que é o mesmo meu, gosto de atazaná-lo, ou melhor, espicaçar sua mente viva, com os neologismos que pesco aqui e ali nas águas bravias do mare nostrum *cibernético.*

Já o pus frente a frente com brasileirismos atuais que o deixaram rubro de vergonha ou ódio, pois ele é difícil de distinguir quando se queima. Taquei-lhe brasileirismos atuais como bullying, point, fashion week, *os irmãos Loxas e Lunda e vi-o deixar minha casa falando sozinho entredentes, como se tivesse sido assaltado pelo mundo.*

(...)De certa feita, fui contra as regras do jogo e deixei-o zonzo por desconhecer o significado de biringaço, que, após revelar-me sua total ignorância, danou-se quando eu expliquei tratar-se de lusitanismo obsoleto significando, nas altas camadas sociais do século 17, uma espécie de guarda-costas alugado a preços de arrasar.

Palavras. Há nelas, embutida, uma tremenda luta corporal. Urge dela participar, mesmo passando rasteira (regionalismo, Brasil).

(http://www1.folha.uol.com.br/bbc/1093251-ivan-lessa-palavras-palavras-palavras.shtml)

21 - (IBMEC SP)

Considerando-se a temática central explorada no texto de Ivan Lessa, é possível identificar a predominância da função

a) apelativa, já que destaca o receptor.
b) emotiva, já que destaca o emissor.
c) referencial, já que destaca a informação.
d) metalinguística, já que destaca o código.
e) poética, já que destaca a mensagem.

TEXTO: 10 - Comum à questão: 22

ASMÁTICOS E ASMÓLOGOS

[1] Não sei por que veio bater aqui em casa uma revista médica. Tomei conhecimento de como a [2] betaciclodextrina é metabolizada em glicose. Mas o que me impressionou mesmo foi o que há de [3] novidade em matéria de terapêutica da asma. Meu conhecimento no ramo não foi adquirido nos [4] livros. Ainda que remoto, é saber de experiência feito. Uma vez imaginei fundar um clube dos [5] asmáticos. Fôlego curto, o Octavio Malta foi um que se entusiasmou.

[6] Mas os asmáticos não são muito unidos. Tampouco os ex-asmáticos. É o meu caso, apesar [7] de uma ou outra ameaça que lá de vez em quando me assusta. E quase sempre nos momentos mais [8] inoportunos. Uma noite em Madri tive de sair de um jantar direto para uma farmácia. Se não [9] opusesse feroz resistência, me recolhiam a um pronto-socorro com direito a balão de oxigênio. Lá se [10] vão vinte anos. Foi minha última crise, espero. Última, isto é, derradeira.

[11] Do tal clube dos asmáticos ficou uma crônica do Paulo Mendes Campos. Para o asmático, [12] dizia ele, não há nada mais ofensivo do que perguntar se asma pega. Pois não é contagiosa. É de [13] nascença e não mata. Dizem até que garante vida longa. Se não tiver complicação, o asmático fica [14] pra semente. Como a tuberculose nos velhos tempos, a asma teria afinidade com certo tipo de gente. [15] Gente sensível e inteligente. Verdade ou não, é um consolo.

[16] Proust, por exemplo, todo mundo sabe que foi asmático. Vivia num sufoco tremendo, fechado [17] naquele quarto forrado de cortiça. Isso nos seus últimos anos de vida, depois que encerrou a fase [18] mundana. O que eu não sabia e a tal revista me informou é que há hoje a asmologia. E há [19]

asmólogos, claro. Aliás, aí em São Paulo existe um *Jornal da Asma.* Graças ao seu editor, dr. Charles [20] K. Naspitz, pude ler exemplares de vários números.

[21] Boa parte do mistério e até, por que não?, do encanto da asma é porque se trata de uma [22] doença hereditária e noturna. Ataca de preferência à noite. E se retira com o sol. Na velha ortografia, [23] escrevia-se *asthma*. Palavra grega, tem a ver com aspirar. A reforma ortográfica cortou o *th*. Se por [24] um lado simplificou o nome da doença, por outro aliviou a dispneia dos *asthmaticos*. Um acesso em [25] Paris, por exemplo, ainda hoje é bem mais grave. O *th* não soa, mas em francês ainda se escreve [26] *asthme*.

[27] Imagine o que sofreu o pobre do Machado de Assis. Não sabia que ele era asmático? Eu [28] também não. Sabíamos que era epiléptico. Pois o *Jornal da Asma* o inclui entre os asmáticos. Já [29] tinha ouvido falar no estilo de gago do Machado. Sim, também era gago. Há de ver que o ritmo da [30] sua prosa vem é da asma. Outro que pagou tributo à sufocação foi o Graciliano Ramos. Fumava que [31] nem um desesperado. Cigarro mata-rato. E asmático! Eu o conheci e não sabia.

[32] Explica-se por aí o temperamento abespinhado do Velho Graça. Outro asmático foi Augusto [33] dos Anjos. Aquele pessimismo todo, coitado, era falta de ar. Vivia a um passo da asfixia, numa época [34] em que a asmologia apenas engatinhava. Não se sabia o que hoje se sabe, ou se propala. Sendo [35] uma forma de hipersensibilidade, que tem a ver com a respiração, isto é, com a própria vida, a asma [36] inclina a pessoa para as letras e as artes. Dura compensação!

(RESENDE, Otto Lara. Bom dia para nascer. S.P.:
Companhia das Letras, 2011, p.p.76-78. Texto adaptado.)

22 - (FCM MG)

A função da linguagem foi inadequadamente exemplificada em:

a) Função referencial: “Outro que pagou tributo à sufocação foi o Graciliano Ramos.”

b) Função conativa: ““Não sabia que ele era asmático? Eu também não.”

c) Função expressiva: “Aquele pessimismo todo, coitado, era falta de ar.”

d) Função poética: “Outro asmático foi Augusto dos Anjos.”

TEXTO: 11 - Comum à questão: 23

[1] Podemos argumentar que, após a mídia, o discurso educacional é o mais influente na sociedade, [2] especialmente quando se refere à comunicação de crenças que não são normalmente transmitidas nas [3] conversas cotidianas ou na mídia. Crianças, adolescentes e jovens adultos enfrentam, diariamente, por [4] muitas horas, aulas e livros didáticos – os únicos livros que são leituras obrigatórias em nossa cultura. Isto [5] é, não há instituição ou discurso comparável que é tão massivamente inculcado como o da escola.

[6] A má notícia é que isso é também verdadeiro para as aulas sobre Eles – os grupos desfavorecidos. [7] Discursos sobre imigrantes, refugiados, minorias e pessoas do Terceiro Mundo são frequentemente muito [8] estereotipados e às vezes claramente preconceituosos. A boa notícia é que não há domínio ou instituição na [9] sociedade em que discursos alternativos têm mais possibilidades de se desenvolver do que na escola.

10 Muitos estudos foram feitos sobre como as minorias e as pessoas do Terceiro Mundo são retratadas [11] nos livros didáticos. Mesmo as simples análises de conteúdo têm repetidamente mostrado que esse retrato, [12] pelo menos até muito recentemente, tende a ser preconceituoso e estereotipado. Muitos livros didáticos em [13] vários países ocidentais são basicamente eurocêntricos: não somente nossa economia ou tecnologia, mas [14] também nossos valores, nossas visões, nossas sociedades e nossas políticas são invariavelmente [15] colocados como superiores. Eles continuam a repetir os estereótipos sobre minorias e sobre outros povos [16] não europeus.

VAN DIJK, Teun A. *Discurso e poder.*
São Paulo: Contexto, 2008. p. 148-149. (Adaptado).

23 - (UEG GO)

São três. Três moças. Mocinhas velhas; moças porque não se casaram. Cada uma com seu corpo, seu jeito e seu modinho de contar, de conversar, coisas miudinhas de suas vidinhas.

Lia, Nhola, Joaninha.

Lia, espigada, sequinha. Paletó cinturado de babadinho; saia comprida de babado, paninho ralo, alegrinho, florado, desbotado, conservado.

Nhola, baixota, encorpadinha, vai emendando e pontilhando os casos que Lia conta. Pés no chão. Dizem que tem sapatos de entrar na igreja. Saindo fora, guarda, "inconomicamente".

Joaninha, ninguém conhece. Contam que é gorda e que não aguenta bater de a pé as dez léguas do caminho.

CORALINA, Cora. Quadritos da vida. In*: Estórias da Casa Velha da Ponte*. 13. ed. São Paulo: Global, 2006. p. 37.

Predomina no texto a seguinte função de linguagem:

a) anafórica

b) poética

c) conativa

d) metalinguística

TEXTO: 12 - Comum à questão: 24

Fumo afeta proteína de forma similar à fibrose cística, diz estudo ***Estudo indica que fumantes crônicos sofrem males semelhantes à doença. Pesquisa foi publicada na revista científica 'PNAS'.***

Um estudo realizado por diversas instituições francesas de pesquisa sugere que sintomas de insuficiência pulmonar que atingem fumantes podem ocorrer devido a alterações no funcionamento de duas proteínas que também estão ligadas à fibrose cística.

O estudo foi publicado nesta segunda-feira (18) na revista "Proceedings of the Natural Academy of Sciences" (PNAS, na sigla em inglês), da Academia Americana de Ciências.

Muitos fumantes sofrem de Doença Pulmonar ObstrutivaCrônica (conhecida por DPOC), problema caracterizado pelo comprometimento e destruição dos alvéolos, que tem como sintomas a tosse persistente, crises de bronquite e falta de ar.

A DPOC causa condições parecidas aos efeitos da fibrose cística nos pulmões. A fibrose cística, que é hereditária, faz com que o indivíduo possua pulmões estruturalmente normais na infância, mas que vão sendo atingidos, com o tempo, por sucessivas inflamações e infecções.

A fibrose cística gera defeitos no funcionamento de uma proteína chamada CFTR, encontrada nos pulmões e vias aéreas, segundo os cientistas. A doença, que tem origem genética, leva à insuficiência respiratória crônica e à hipertensão pulmonar, entre outros problemas, de acordo com dados da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Os pesquisadores da Universidade de Reims Champagne- Ardenne, um dos grupos responsáveis pelo estudo francês, exploraram os mecanismos pelos quais a fumaça do cigarro alteraria o funcionamento da proteína CFTR em ratos. Eles descobriram que outra proteína, encontrada em células epiteliais das vias aéreas, se liga à nicotina. Esta proteína provavelmente cumpre o papel de regular o funcionamento da CFTR, segundo o estudo. [...]

Disponível: http://g1.globo.com/bemestar/noticia
/2013/02/fumoafeta- proteina-de-forma-similar-fibrose-cistica-diz-estudo.html

24 - (UFAL)

No texto em questão, podemos reconhecer a função

a) referencial, por apresentar linguagem não verbal de modo claro, preciso e objetivo.

b) denotativa, porque a linguagem foi organizada em função do referente, ou seja, do que se fala na manchete de jornal, com ambiguidade.

c) referencial, por ter sido escrito em terceira pessoa, com frases estruturadas na ordem direta e por apresentar linguagem denotativa.

d) conotativa, utilizando como recursos de persuasão argumentos significativos em relação ao público-alvo.

e) expressiva, porque o jornalista posiciona-se em relação ao tema de que está tratando.

TEXTO: 13 - Comum à questão: 25

Liberdade, onde estás? Quem te demora?

Quem faz que o teu influxo em nós não caia?

Porque (triste de mim!), porque não raia

Já na esfera de Lísia* a tua aurora?

Da santa redenção é vinda a hora

A esta parte do mundo, que desmaia.

Oh!, venha... Oh!, venha, e trêmulo descaia

Despotismo feroz, que nos devora!

Eia! Acode ao mortal que, frio e mudo,

Oculta o pátrio amor, torce a vontade,

E em fingir, por temor, empenha estudo.

Movam nossos grilhões tua piedade;

Nosso númen tu és, e glória, e tudo,

Mãe do gênio e prazer, ó Liberdade!

(Bocage)

Lísia = Portugal

MOISÉS, Massaud. A Literatura Portuguesa Através dos Textos.
São Paulo: Cultrix, 2006,p.239

25 - (UEPA)

O poema de Bocage organiza uma situação comunicativa interna em que se verificam os seguintes elementos fundamentais da comunicação: emissor, receptor (contido no próprio texto) e mensagem. No poema estes elementos são:

a) eu-lírico, liberdade e crítica ao despotismo

b) poema, liberdade e crítica ao despotismo

c) eu-lírico, povo português e crítica ao despotismo

d) eu-lírico, liberdade e língua portuguesa

e) eu-lírico, leitor e crítica ao despotismo

TEXTO: 14 - Comum à questão: 26

Poema em linha reta

01 Nunca conheci quem tivesse levado porrada.

02 Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo.

03 E eu, tantas vezes reles, tantas vezes porco, tantas vezes vil,

04 Eu tantas vezes irrespondivelmente parasita,

05 Indesculpavelmente sujo,

Eu, que tantas vezes não tenho tido paciência para tomar banho,
Eu, que tantas vezes tenho sido ridículo, absurdo,
Que tenho enrolado os pés publicamente nos tapetes das etiquetas,
Que tenho sido grotesco, mesquinho, submisso e arrogante,
Que tenho sofrido enxovalhos e calado,
Que quando não tenho calado, tenho sido mais ridículo ainda;
Eu, que tenho sido cômico às criadas de hotel,
Eu, que tenho sentido o piscar de olhos dos moços de fretes,
Eu, que tenho feito vergonhas financeiras, pedido emprestado sem pagar,
Eu, que, quando a hora do soco surgiu, me tenho agachado
Para fora da possibilidade do soco;
Eu, que tenho sofrido a angústia das pequenas coisas ridículas,
Eu verifico que não tenho par nisto tudo neste mundo.

Toda a gente que eu conheço e que fala comigo
Nunca teve um ato ridículo, nunca sofreu enxovalho,
Nunca foi senão príncipe - todos eles príncipes - na vida...

[...]

Arre, estou farto de semideuses!
Onde é que há gente no mundo?

Então sou só eu que é vil e errôneo nesta terra?

[...]

PESSOA, Fernando. *Fernando Pessoa - Obra Poética*.
Cia. José Aguilar Editora: Rio de Janeiro, 1972. p. 418.

26 - (IFRS)

No texto, predomina a função de linguagem

a) apelativa, pois o poema procura influenciar e orientar o comportamento do leitor, por meio da utilização de verbos no modo imperativo.

b) fática, porque o poema testa o funcionamento do canal de comunicação.

c) emotiva, porque o poema está centrado na expressão dos sentimentos, emoções e opiniões do eulírico.

d) referencial, porque a intenção principal do autor é informar o leitor.

e) metalinguística, pois o código é posto em destaque, ou seja, o poema reflete sobre a criação poética.

TEXTO: 15 - Comum à questão: 27

Astroteologia: breve introdução

Nós, humanos, somos seres limitados. Criativos e inovadores, conseguimos ampliar em muito a nossa compreensão do mundo por meio da aplicação diligente da razão e, complementarmente, das artes.

Isso porque, se a ciência e as artes têm algo em comum, é justamente a tentativa de estender nossa visão de mundo, de ampliar as fronteiras do conhecimento, revelando aspectos inusitados do real. Um teorema e um poema são reflexões do possível, seja o concreto ou o onírico. A imaginação lança mão de todos os recursos à sua disposição para dar sentido à existência.

Talvez seja por isso que o teólogo americano Reinhold Niebuhr escreveu que “o homem é o seu maior problema”. Nossas filosofias, ciências e religiões são tentativas de compreender a existência apesar de nossa miopia, isto é, de nossas limitações sobre o que vemos e entendemos.

Nessa busca, não é coincidência que a crença religiosa funcione como uma bússola para tantas pessoas. Como explicar a origem do Universo? Ou da vida? Ou por que temos uma mente capaz de refletir sobre essas questões complexas?

Tais questões são, hoje, parte da pesquisa científica de ponta. Vivemos numa época peculiar, em que o que antes era província exclusiva da religião faz parte do discurso rotineiro da ciência. Porém, por não termos ainda respostas, essas questões continuam nos assombrando.

Talvez um dos dilemas da humanidade seja a angústia de poder contemplar o divino sem sê-lo. Temos a capacidade de imaginar a perfeição, a ausência de dor, a imortalidade; mas, tirando a ficção e a fé, não temos como transcender nossa realidade carnal, os limites temporais e espaciais. Ou será que temos?

Considerando que a ciência moderna tem apenas quatro séculos (marcando seu início com Kepler e Galileu), e percebendo o quanto já fizemos em tão curto prazo, imagine o que nos espera em mil anos?

Ou 10 mil anos, se, claro, não nos destruirmos antes disso. A ciência nos permite já uma manipulação dos genes de criaturas, a ponto de podermos modificar o que comemos e mesmo alcançar curas diversas.

Extrapolando a expansão tecnológica para o futuro, alguns afirmam que, em algumas décadas, chegaremos a um ponto em que nossa hibridização com máquinas será tão profunda que não poderemos mais nos dissociar delas. Caso essas previsões se concretizem – e, a meu ver, já estão ocorrendo –, seremos (...) uma nova espécie, além do humano.

Agora imagine que, tal como nós, outras criaturas inteligentes em algum canto da galáxia descobriram a ciência. Só que o fizeram, digamos, 1 milhão de anos antes de nós, o que em termos cósmicos não é nada.

Essas criaturas teriam se transformado completamente ao se hibridizar com máquinas. Seriam, talvez, apenas informação, existindo em campos energéticos no espaço.

Teriam o poder de criar vida, escolhendo suas propriedades. Poderiam, por exemplo, ter nos criado, ou a alguns de nossos antepassados, como parte de um experimento. Poderiam, por exemplo, estar nos observando, como nós observamos animais no zoológico ou no laboratório. Essas entidades imateriais, mas existentes, seriam nossos criadores. Seriam eles deuses, mesmo se não sobrenaturais?

(Gleiser, Marcelo. Astroteologia: breve introdução. Folha de São Paulo. São Paulo. 25/11/2012. Ciência. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/colunas/marcelogleiser/1190348-astroteologia-breve-introducao.shtml – Adaptado.)

27 - (UERN)

Um texto pode ser definido "como ocorrência linguística falada ou escrita, de qualquer extensão, dotada de unidade sociocomunicativa, semântica e formal". (Costa Val, 2006, p. 03) Assim, os diferentes textos diferenciar-se-ão, essencialmente, pelos objetivos sociocomunicativos que cumprem em determinado contexto, que acarretam, naturalmente, diferenças em sua forma. Considerando suas características, assinale a alternativa que apresenta a finalidade maior do texto.

a) Expor, de maneira acessível a um público leigo, as ideias que fundamentam determinada hipótese.

b) Explicar, de forma lúcida, como povos alienígenas podem, há muito, ter controle sobre os humanos.

c) Argumentar em favor da hipótese de que os humanos passarão por mudanças físicas radicais no futuro.

d) Questionar a pertinência das religiões tradicionais, mostrando como a ciência possui respostas mais satisfatórias a questionamentos universais.

TEXTO: 16 - Comum à questão: 28

O significado de Mandela para o futuro ameaçado da humanidade

Leonardo Boff

[1] Nelson Mandela, com sua morte, mergulhou no inconsciente coletivo da humanidade para nunca [2] mais sair de lá porque se transformou num arquétipo universal do injustiçado que não guardou rancor, que [3] soube perdoar, reconciliar polos antagônicos e nos transmitir uma inarredável esperança de que o ser [4] humano ainda pode ter jeito. Depois de passar 27 anos de reclusão e eleito presidente da África do Sul em [5] 1994, se propôs e realizou o grande desafio de transformar uma sociedade estruturada na suprema injustiça [6] do apartheid, que desumanizava as grandes maiorias negras do país, condenando-as a não pessoas, numa [7] sociedade única, unida, sem discriminações, democrática e livre.

[8] E o conseguiu ao escolher o caminho da virtude, do perdão e da reconciliação. Perdoar não é [9] esquecer. As chagas estão aí, muitas delas ainda abertas. Perdoar é não permitir que a amargura e o espírito [10] de vingança tenham a última palavra e determinem o rumo da vida. Perdoar é libertar as pessoas das [11] amarras do passado, é virar a página e começar a escrever outra a quatro mãos, de negros e de brancos. A [12] reconciliação só é possível e real quando há a admissão completa dos crimes por parte de seus autores e o [13] pleno conhecimento dos atos por parte das vítimas. A pena dos criminosos é a condenação moral diante de [14] toda a sociedade. Uma solução dessas, seguramente originalíssima, pressupõe um conceito alheio à nossa [15] cultura individualista: o ubuntu, que quer dizer: “eu só posso ser eu através de você e com você”. Portanto, [16] sem um laço permanente que liga todos com todos, a sociedade estará, como na nossa, sob risco de [17] dilaceração e de conflitos sem fim.

[18] Deverá figurar nos manuais escolares de todo o mundo esta afirmação humaníssima de Mandela: [19] “Eu lutei contra a dominação dos brancos e lutei contra a dominação dos negros. Eu cultivei a esperança do [20] ideal de uma sociedade democrática e livre, na qual todas as pessoas vivem juntas e em harmonia e têm [21] oportunidades iguais. É um ideal pelo qual eu espero viver e alcançar. Mas, se preciso for, é um ideal pelo [22] qual estou disposto a morrer”.

[23] Por que a vida e a saga de Mandela fundam uma esperança no futuro da humanidade e de nossa [24] civilização? Porque chegamos ao núcleo central de uma conjunção de crises que pode ameaçar o nosso [25] futuro como espécie humana. [...] Isso quer dizer que a crença persistente no mundo

inteiro, também no [26] Brasil, de que o crescimento econômico material nos deveria trazer desenvolvimento social, cultural e [27] espiritual é uma ilusão. Estamos vivendo tempos de barbárie e sem esperança. [...]

[28] Acrescento a opinião do conhecido filósofo e cientista político, Norberto Bobbio, que, como [29] Mandela, acreditava nos direitos humanos e na democracia como valores para equacionar o problema da [30] violência entre os estados e para uma convivência pacífica. Em sua última entrevista declarou: "Não saberia [31] dizer como será o Terceiro Milênio. Minhas certezas caem, e somente um enorme ponto de interrogação [32] agita a minha cabeça: será o milênio da guerra de extermínio ou o da concórdia entre os seres humanos? [33] Não tenho condições de responder a esta indagação".

[34] Em face destes cenários sombrios, Mandela responderia seguramente, fundado em sua experiência [35] política: Sim, é possível que o ser humano se reconcilie consigo mesmo, que sobreponha sua dimensão de [36] sapiens àquela de demens e inaugure uma nova forma de estar juntos, na mesma casa.

[37] Talvez valham as palavras de seu grande amigo, o arcebispo Desmond Tutu, que coordenou o [38] processo de Verdade e Reconciliação: "Tendo encarado a besta do passado olho no olho, tendo pedido e [39] recebido perdão e tendo feito correções, viremos agora a página — não para esquecer esse passado, mas [40] para não deixar que nos aprisione para sempre. Avancemos em direção a um futuro glorioso de uma nova [41] sociedade em que as pessoas valham não em razão de irrelevâncias biológicas ou de outros estranhos [42] atributos, mas porque são pessoas de valor infinito [...]".

[43] Essa lição de esperança nos deixa Mandela: nós ainda viveremos se, sem discriminações, pusermos [44] em prática de fato o ubuntu.

(Disponível em: <http://leonardoboff.wordpress.com/2013/12/07/o-significado-de-mandela-para-o-futuro-ameacado-dahumanidade/>, acesso em: 10 mar. 2014. Adaptado.)

28 - (UNIMONTES MG)

Entre os enunciados retirados do texto, assinale aquele que apresenta o recurso da metalinguagem.

a) "[...] sem um laço permanente que liga todos com todos, a sociedade estará [...] sob risco [...]". (Ref. 16)

b) "Perdoar é não permitir que a amargura e o espírito de vingança tenham a última palavra [...]". (Refs. 9-10)

c) "Uma solução dessas [...] pressupõe um conceito alheio à nossa cultura [...]". (Refs. 14-15)

d) “[...] Norbeto Bobbio, que, como Mandela, acreditava nos direitos humanos [...]”. (Refs. 28-29)

TEXTO: 17 - Comum à questão: 29

Não éramos cordiais?

Clóvis Rossi

O nível impressionante de violência no cotidiano está cada vez mais próximo de uma barbárie intolerável

[1] A morte do cinegrafista Santiago Andrade não configura um atentado à liberdade de imprensa, ao [2] contrário do que tantos apregoam. É muito pior que isso: é um atentado ao convívio civilizado entre [3] brasileiros, um degrau a mais na escalada impressionante de violência que está empurrando o país para um [4] teor ainda mais exacerbado de barbárie. O incidente com o cinegrafista é parte de uma coreografia de [5] violência crescente que se dá por onde quer que se olhe.

[6] Nunca se matou com tanta facilidade em assaltos. Nunca se apertou o gatilho com tanta facilidade. É [7] até curioso que as estatísticas policiais no Estado de São Paulo apontem uma redução no número de [8] homicídios dolosos, como se fosse um avanço, quando aumenta o número de vítimas de latrocínio, que não [9] passa de homicídio precedido de roubo.

[10] De fato, em 2013, o número de latrocínios (379) foi o mais alto em nove anos, com aumento de 10% [11] em relação aos 344 casos do ano anterior. Mas a violência não é um fenômeno restrito à criminalidade. A [12] polícia age muitas vezes com uma violência desproporcional. A vida nas cidades e, cada vez mais, no [13] interior é de uma violência inacreditável. O trânsito é uma violência contra a mente humana. O transporte [14] público violenta dia após dia. Não é um atentado aos direitos humanos perder às vezes três horas entre ir e [15] voltar do trabalho?

[16] A saúde é uma violência contra o usuário. A educação violenta, pela sua baixa qualidade, o natural [17] anseio de ascensão social. A existência de moradias em zonas de risco é outra violência. A contaminação do [18] ar mata ou fere de maneira invisível os habitantes das cidades em que o nível de poluição supera o mínimo [19] tolerável.

[20] Não adianta, agora, culpar o governo do PT ou a suposta herança maldita legada pelo PSDB, ou os [21] crimes praticados pela ditadura militar ou a turbulência que precedeu o golpe de 1964. O país foi

sendo [22] construído de maneira torta, irresponsável, sem o mais leve sinal de planejamento, de preparação para o [23] futuro.

[24] Acumularam-se violências em todas as áreas de vida. A explosão no consumo de drogas exacerbou, [25] por sua vez, a violência da criminalidade comum. Não há "coitadinhos" nessa história. Há delinquentes e [26] vítimas e há a incompetência do poder público.

[27] É como escreveu, para Carta Capital, esse impecável humanista chamado Luiz Gonzaga Belluzzo: [28] "O descumprimento do dever de punir pelo ente público termina por solapar a solidariedade que cimenta a [29] vida civilizada, lançando a sociedade no desamparo e na violência sem quartel."

[30] Antes que o desamparo e a violência sem quartel se tornem completamente descontrolados, seria [31] desejável o surgimento de lideranças capazes de pensar na coisa pública em vez de se dedicarem a seus [32] interesses pessoais, mesmo os legítimos. Alguém precisa aparecer com um projeto de país, em vez de [33] projetos de poder. Não é por acaso que 60% dos brasileiros querem mudanças, ainda que não as definam [34] claramente. A encruzilhada agora é entre ideias e rojões.

(Folha de S. Paulo, A18 mundo,
quinta-feira, 13 de fevereiro de 2014.)

29 - (UNIMONTES MG)

No 2.º parágrafo, pode-se identificar, **primordialmente**, a presença da seguinte função de linguagem:

a) Metalinguística – o autor do texto informa o leitor sobre o significado de uma palavra.

b) Conativa – o autor do texto tenta persuadir o leitor acerca dos argumentos que defende, em tom imperativo.

c) Fática – o autor do texto dialoga com o leitor, intercalando frases específicas para manter esse contato por meio do parágrafo, intentando mais manter a conversa do que informar.

d) Expressiva – o autor expressa, no texto, a subjetividade com que se posiciona sobre os fatos tratados, com um teor intimista em que não pode ser constatada a objetividade na argumentação.

TEXTO: 18 - Comum à questão: 30

Adeus, meu Canto

Adeus, meu canto! É a hora da partida...

O oceano do povo s'encapela.

Filho da tempestade, irmão do raio,

Lança teu grito ao vento da procela.

O inverno envolto em mantos de geada

Cresta a rosa de amor que além se erguera...

Ave de arribação, voa, anuncia

Da liberdade a santa primavera.

É preciso partir, aos horizontes

Mandar o grito errante da vedeta.

Ergue-te, ó luz! — estrela para o povo,

— Para os tiranos — lúgubre cometa.

Adeus, meu canto! Na revolta praça

Ruge o clarim tremendo da batalha.

Águia — talvez as asas te espedacem,

Bandeira — talvez rasgue-te a metralha.

[...]

(ALVES, Castro. **Melhores poemas de Castro Alves**.
7. ed. São Paulo: Global, 2003, p. 109.)

30 - (PUC GO)

Assinale a alternativa que indica corretamente a função linguístico-discursiva do vocativo “meu canto” no poema de Castro Alves (Texto):

a) o vocativo “meu canto” funciona no texto como um delimitador espacial, uma vez que as dimensões do espaço ocupado pelo enunciador se conformam com sua alma de poeta.

b) o poeta, por meio do vocativo, despede-se do exercício poético, já que se encontra inconformado com outros artistas que não produzem uma arte engajada politicamente.

c) o enunciador, por meio do vocativo “meu canto”, dirige-se à sua poesia para ordenar que ela ecoe e anuncie a necessidade da libertação de uma raça em determinado momento histórico.

d) o vocativo “meu canto” expressa o estado de abandono e tristeza do eu poético consigo mesmo frente às desilusões românticas que sofrera ao longo de sua vida.

TEXTO: 19 - Comum à questão: 31

SEPARAÇÃO

[1] Voltou-se e mirou-a como se fosse pela última vez, como quem repete um gesto imemorialmente [2] irremediável. No íntimo, preferia não tê-lo feito; mas ao chegar à porta sentiu que nada poderia [3] evitar a reincidência daquela cena tantas vezes contada na história do amor, que é a história do [4] mundo. Ela o olhava com um olhar intenso, onde existia uma incompreensão e um anelo[*1], como [5] a pedir-lhe, ao mesmo tempo, que não fosse e que não deixasse de ir, por isso que era tudo [6] impossível entre eles.

(...)

[7] Seus olhares fulguraram por um instante um contra o outro, depois se acariciaram ternamente [8] e, finalmente, se disseram que não havia nada a fazer. Disse-lhe adeus com doçura, virou-se [9] e cerrou, de golpe, a porta sobre si mesmo numa tentativa de secionar[*2] aqueles dois mundos [10] que eram ele e ela. Mas o brusco movimento de fechar prendera-lhe entre as folhas de madeira [11] o

espesso tecido da vida, e ele ficou retido, sem se poder mover do lugar, sentindo o pranto [12] formar-se muito longe em seu íntimo e subir em busca de espaço, como um rio que nasce.

[13] Fechou os olhos, tentando adiantar-se à agonia do momento, mas o fato de sabê-la ali ao [14] lado, e dele separada por imperativos categóricos[*3] de suas vidas, não lhe dava forças para [15] desprender-se dela. Sabia que era aquela a sua amada, por quem esperara desde sempre e que [16] por muitos anos buscara em cada mulher, na mais terrível e dolorosa busca. Sabia, também, que [17] o primeiro passo que desse colocaria em movimento sua máquina de viver e ele teria, mesmo [18] como um autômato, de sair, andar, fazer coisas, distanciar-se dela cada vez mais, cada vez [19] mais. E no entanto ali estava, a poucos passos, sua forma feminina que não era nenhuma outra [20] forma feminina, mas a dela, a mulher amada, aquela que ele abençoara com os seus beijos e [21] agasalhara nos instantes do amor de seus corpos. Tentou imaginá-la em sua dolorosa mudez, já [22] envolta em seu espaço próprio, perdida em suas cogitações próprias – um ser desligado dele [23] pelo limite existente entre todas as coisas criadas.

[24] De súbito, sentindo que ia explodir em lágrimas, correu para a rua e pôs-se a andar sem saber [25] para onde...

Vinícius de Morais

Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: Aguilar, 1986.

[*1] anelo – desejo intenso

[*2] secionar – dividir em partes

[*3] categóricos – claros e explícitos

31 - (UERJ) ***nada poderia evitar a reincidência daquela cena tantas vezes contada na história do amor, que é a história do mundo.*** (Refs. 2-4)

O trecho sublinhado reformula uma expressão anterior.

Essa reformulação explicita a seguinte relação de sentido:

a) enumeração

b) generalização

c) exemplificação

d) particularização

GABARITO:

1) Gab: B

2) Gab: E

3) Gab: C

4) Gab: C

5) Gab: C

6) Gab: A

7) Gab: A

8) Gab: B

9) Gab: B

10) Gab: B

11) Gab: D

12) Gab: E

13) Gab: D

14) Gab: D

15) Gab: B

16) Gab: D

17) Gab: C

18) Gab: C

19) Gab: B

20) Gab: C

21) Gab: D

22) Gab: D

23) Gab: B

24) Gab: C

25) Gab: A

26) Gab: C

27) Gab: A

28) Gab: B

29) Gab: A

30) Gab: C

31) Gab: B